

EXPLORAÇÕES CIENTÍFICAS NO TERRITÓRIO DA BORRACHA AMAZÔNICA (1840-1870)

Vitor Julio Gomes Barreto ¹

RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é realizar um levantamento dos principais exploradores estrangeiros, e de suas respectivas publicações, que passaram pela região amazônica de extração da borracha no período anterior a sua primeira expansão, entre os anos de 1840 e 1870. Além de investigar, de maneira inicial, as possíveis relações entre as explorações estrangeiras na Amazônia e a expansão territorial da área extrativista. Primeiramente, buscamos reconstituir o avanço espacial e temporal da exploração da borracha na região amazônica ao longo do século XIX. A partir de então, realizamos um levantamento das expedições científicas que passaram pela região mapeada no período anterior à expansão da borracha, a fim de identificar os atores produtores de conhecimento geográfico que poderiam ter dado suporte científico ao avanço da extração do látex. O crescimento da área de exploração da borracha ocorreu no sentido leste-oeste, partindo da região das ilhas e da foz do rio Amazonas em direção às cabeceiras dos rios Madeira, Purus e Jurus. Da mesma forma, a quantidade de expedições científicas lançadas aos rios amazônicos multiplicava-se, produzindo relatos valiosos, inventariando a natureza e seus povos. A borracha, suas formas de coleta, usos e produtos elaborados pela população nativa, eram minuciosamente relatados, preparando o terreno para o avanço de sua exploração. Progressivamente os olhos estrangeiros viravam-se para a Amazônia, que pressionavam o império brasileiro a abrir as águas de seus rios à navegação, para permitir a exploração econômica desta imensa área, e ainda muito desconhecida pelas elites globais.

Palavras-chave: Explorações, Amazônia, Borracha, História da Geografia.

ABSTRACT

Our goal is to survey the main foreign explorers, and their respective publications, who passed through the Amazon rubber extraction region in the period before its first expansion, between 1840 and 1870. In addition to initially investigating the possible relationships between foreign explorations in the Amazon and the territorial expansion of the extraction area. Firstly, we sought to reconstruct the spatial and temporal progress of rubber exploitation in the Amazon region throughout the 19th century. From then on, we sought to carry out a survey of the scientific expeditions that passed through the mapped region in the period prior to the expansion of rubber, in order to identify the possible actors who produced geographical knowledge that could have provided scientific support for the advance of the rubber. The rubber exploration area advanced in an east-west direction, from the region of the islands and the mouth of the Amazon River towards the headwaters of the Madeira, Purus and Jurus rivers. In the same way, the number of scientific expeditions launched on the Amazon rivers multiplied, producing valuable reports, taking stock of nature and the people they encountered along the way. Rubber, the ways in which it was harvested, its uses and the products made by the native population, were meticulously reported, preparing the ground for the advance of its exploitation. Progressively, foreign eyes turned to the Amazon, pressuring the Brazilian empire to open the waters of its rivers to navigation, allowing economic exploitation of this immense area, which was still largely unknown to the global elites.

Keywords: Explorations, Amazon, Rubber, History of Geography.

¹ Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.
vitor.barreto@usp.br.

INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcado por viagens de exploração de aventureiros europeus por todo o globo terrestre, levando Hobsbawn (2002) a classificá-lo como o século das explorações. Tais expedições, muitas vezes patrocinadas por Sociedades de Geografia, estiveram fortemente ligadas aos interesses imperiais metropolitanos. Precedia a exploração econômica a necessidade de se conhecer os territórios, elaborar inventários naturais, etnográficos, biológicos, cartografar o espaço, fotografar as paisagens e os homens, preparar, enfim, o terreno para a conquista.

A partir da segunda revolução industrial na metade final do século, o conhecimento sobre a superfície terrestre, da natureza e de seus povos, tornou-se ainda mais estratégico. A geografia passou a desempenhar um papel de saber legitimador na reconfiguração do mundo à época (Romani, 2013).

O Brasil, apesar de ter conquistado sua independência de Portugal logo no início do século, será palco de inúmeras dessas explorações. Com a oficialização da permissão da entrada de estrangeiros e a vinda da família real portuguesa para o Brasil no início do século viajantes naturalistas estrangeiros foram incentivados a inventariar a riqueza natural da região, ganhando o país imagens e representações, tendo seus relatos apresentado forte caráter científico como apontam estudos de Kury (2001), Diener (2014) e França (2014).

A região Amazônica tornou-se destino prioritário de exploradores europeus e norte-americanos, diversos deles atravessaram-na ao longo do século XIX. O mais conhecido deles foi o alemão Alexander von Humboldt, que realizou entre os anos de 1799 e 1804, uma viagem à América do Sul, percorrendo as regiões do Alto Rio Negro e do Alto Amazonas (Lisboa, 1999). A região Amazônica, apesar de no papel pertencer ao Império Brasileiro, na prática estava muito desconectado do restante do país, faltavam as vias de transporte e comunicação necessárias, e um potencial econômico ainda muito pouco explorado.

A descoberta da borracha na metade do século XVIII, contudo, levou os olhos das potências coloniais às florestas equatoriais. Teria sido justamente o explorador francês, La Condamine, um dos primeiros a mencionar o uso da borracha por indígenas na região de Esmeraldas no Equador, para a produção de garrafas, botas e tigelas. Suas descrições teriam atraído a atenção europeia para o produto, porém somente a partir de 1840, com o desenvolvimento do processo de vulcanização por Charles Goodyear, houve uma demanda crescente sobre a borracha (Gomes, 2018).

A exploração da borracha, apesar de ter tido seu auge entre os anos de 1870 e 1910, desde os anos de 1840 passou a guiar a economia da região amazônica. Nos primeiros anos sua produção concentrou-se em alguns poucos municípios paraenses (Breves, Anajás, Melgaço e Gurupá), a partir de 1870 houve uma expansão das áreas de produção para o Oeste: no Pará, no Baixo Xingu e no baixo Tapajós; e principalmente no Amazonas, nos rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá (Weinstein, 1993). O escoamento dos produtos era facilitado pelo transporte fluvial crescente nos rios, o que permitiu cada vez mais a interiorização da extração.

Por tratar-se de uma pesquisa em estágio inicial, nosso objetivo neste trabalho é realizar um levantamento dos principais exploradores estrangeiros, e de suas publicações, que passaram pela região amazônica de extração da borracha no período anterior a sua primeira expansão, entre os anos de 1840 e 1870. Além de investigar, de maneira inicial, as possíveis relações entre as explorações estrangeiras na Amazônia e a expansão territorial da área extrativista.

Estamos chamando de território Amazônico de extração da borracha, toda a área localizada na bacia do Rio Amazonas em que tenha ocorrido a exploração da seringueira. Utilizaremos suas sub-bacias como escala de análise, uma vez que serão os rios as principais vias de locomoção das expedições, além de servirem como caminhos para a ocupação e interiorização da exploração colonial na região. Não limitaremos nosso levantamento à Amazônia brasileira, já que a maioria dos exploradores percorreram tais rios sem reconhecer qualquer barreiras entre os países.

Em geral as pesquisas sobre o extrativismo na Amazônia frequentemente tratam as relações exploratórias como algo recente, suas origens, contudo, encontram-se mais longínquas. A importância de se compreendê-las é fundamental para analisar os problemas amazônicos da contemporaneidade, uma das regiões mais importantes do mundo, devido sua enorme biodiversidade e riqueza etnológica, sempre em vias de ameaça. As raízes da destruição da região introduzidas pela exploração econômica predatória praticada pelas potências europeias encontram-se nas explorações científicas que pretendemos estudar. Torna-se necessário compreendermos mais profundamente a história dos conhecimentos produzidos sobre a região amazônica, afim de entender como estes foram fundamentais para sua transformação.

Primeiramente buscamos reconstituir o avanço espacial e temporal da exploração da borracha na região amazônica ao longo do século XIX. A partir de informações coletadas em diversas fontes que se debruçaram sobre o estudo da borracha amazônica, foi possível mapear a evolução da área de exploração por toda bacia. A partir de então, buscamos realizar um

levantamento das expedições científicas que passaram pela região mapeada no período anterior a expansão da borracha, a fim de identificar os possíveis atores produtores de conhecimento geográfico que poderiam ter dado suporte científico ao avanço do ciclo da borracha.

O avanço da área de exploração da borracha ocorreu no sentido leste-oeste, partindo da região das ilhas e da foz do rio Amazonas em direção as cabeceiras dos rios Madeira, Purus e Juruá, a cada ano que passava e o preço da borracha subia, a interiorização dos seringais se intensificava. Da mesma forma a quantidade de expedições científicas lançadas aos rios amazônicos multiplicava-se, alcançando os mais longínquos afluentes do Solimões, produzindo relatos valiosos, inventariando a natureza e os povos que encontravam pelo caminho. Diversas vezes, é a própria borracha que irá lhes chamar à atenção, suas formas de coleta, usos e produtos elaborados pela população nativa, preparando o terreno para o avanço do comércio cada vez mais intenso deste “ouro negro”, como ficou conhecido posteriormente.

Os relatos mais atentos à utilização do látex da seringueira partiam de exploradores das principais potências imperialistas à época: Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha. Por trás do inocente interesse da busca pelo conhecimento, expresso no discurso da anti-conquista (Pratt, 1999), os governos e as empresas metropolitanas consumiam avidamente os relatos produzidos pelos exploradores, publicizados seja nas sociedades de geografia, nos museus naturais e nos jardins botânicos, constituindo-se uma rede de produção e circulação de conhecimentos geográficos. Progressivamente os olhos estrangeiros viravam-se para a Amazônia, que pressionavam o império brasileiro a abrir as águas de seus rios à navegação, permitindo a exploração econômica, desta imensa área, e ainda muito desconhecida pelas elites globais.

METODOLOGIA

Nossa metodologia constituiu-se de três etapas principais. Primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema do ciclo da borracha na Amazônia, identificando as obras mais relevantes produzidas sobre tal temática (Ferreira-Reis, 1953; Dean, 1989; Weinstein, 1993). A partir destas foi possível realizar o mapeamento da expansão da borracha, ao longo do século XIX, a segunda etapa de nossa pesquisa. Por último realizamos um levantamento amplo de expedições à Amazônia no recorte temporal selecionado, através de uma busca por obras que tentaram catalogar explorações à América (Broc, 1999), ao Brasil (Belluzo, 1994) e à Amazônia (Meirelles Filho, 2009). Paralelamente realizamos também um

levantamento bibliográfico sobre o tema das explorações, seja em um contexto mais amplo (Pratt, 1999; Driver, 2001) ou especificamente brasileiro (Kury, 2009; França, 2014).

Considerando que a exploração da borracha irá dar um salto a partir dos anos de 1870 na região amazônica, e que nosso objetivo é identificar os conhecimentos geográficos acumulados previamente a expansão da borracha, nosso recorte temporal se limitou àquelas explorações que ocorreram a partir dos anos de 1840, quando a borracha começa a aparecer em relatos de exploradores, até os anos de explosão da produção, 1870, quando já se encontrava consideravelmente difundida pela Amazônia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O campo de estudos em história da geografia ganhou um corpo significativo nas últimas décadas, abrindo frentes diversas de investigação, seja no Brasil ou fora dele. Compreendemos por história da geografia aquele estudo interessado em analisar os diversos discursos geográficos, entendendo-os como representações elaboradas pelas sociedades acerca da geografia material, ou seja, o discurso sobre o espaço terrestre (Moraes, 2000). Estes discursos devem ser entendidos, portanto, em seu sentido mais amplo, ao considerar que toda e qualquer sociedade irá produzir um conhecimento sobre o espaço não devendo se limitar ao discurso sistematizado e científico sobre o espaço. É necessário que a história da geografia considere as diversas formas de apresentação dos discursos geográficos, em relatos de viagem, narrativas, fábulas, filosofia e também como ciência (Moraes, 2000). A história da geografia tem, portanto, múltiplas origens e trajetórias, e a visão de que todo o discurso geográfico produzido antes de 1870 é somente uma precursora não sofisticada da científica seria extremamente equivocada (Ryan, 2004).

Houve nas últimas décadas, portanto, uma renovação das abordagens em história da geografia a partir de tal perspectiva. O campo de estudos se ampliou para além da geografia e da disciplina universitária, estudam-se conhecimentos, culturas e experiências geográficas como um todo (Robic, 2006). A abertura para fora da geografia institucionalizada permitiu a incorporação de temáticas diversas que envolvem práticas não acadêmicas, como estudos sobre o papel da descrição geográfica ou das experiências geográficas como as dos exploradores.

A partir de tal abertura, a temática do império tornou-se constante, surgiram estudos sobre a função da exploração e do mapeamento na criação e construção de espaços imperiais para a dominação e exploração econômica, e sobre o papel da literatura de aventura na

construção de uma experiência imperial no imaginário popular (Bassin, 2000). Félix Driver (2013) indica a relação entre geografia e império, como um tema central de investigação para a história da geografia recente, consolidando-se um foco particularmente forte de pesquisas.

Podemos compreender as explorações estrangeiras no Brasil no contexto de interesse dos estado-nações estrangeiros, onde muitas delas eram incentivadas e financiadas pelos órgãos governamentais. Suas razões, muito provavelmente, estão ligadas a seus interesses nacionalistas-imperialistas, característicos no século XIX, e no Brasil, especificamente serviram como estratégia para reivindicar áreas de seus interesses, a fim de expandir as fronteiras de seu império. Ao mesmo tempo que todo o trabalho exploratório de inventário realizado pelos exploradores contribuiu para a formação de representações do interior do território brasileiro, seja para o próprio governo imperial local, como para os estrangeiros de forma geral.

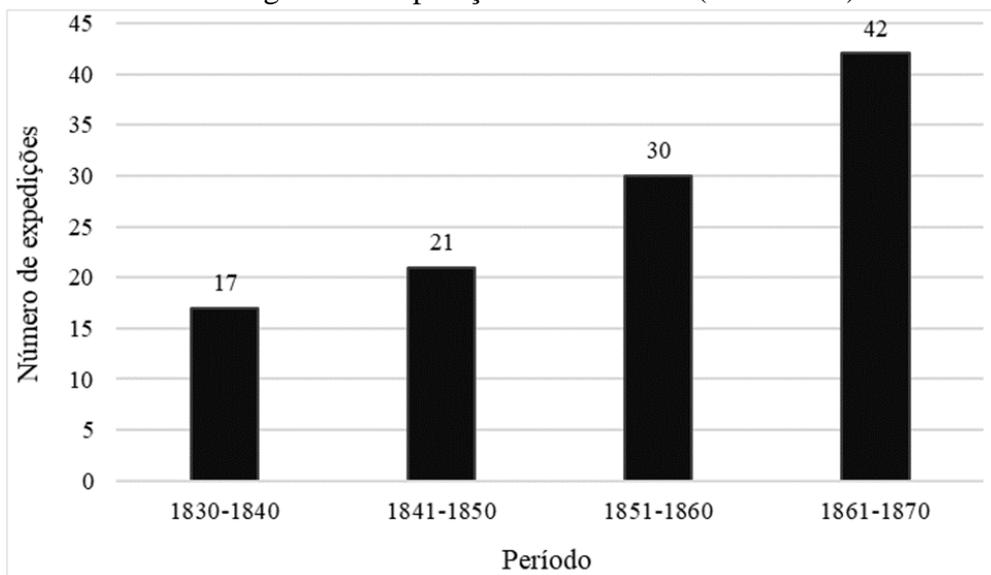
Estudos sobre a relação entre o conhecimento geográfico, em suas formas mais amplas como as explorações e a construção de identidades nacionais foi amplamente estudado nos últimos anos, exemplificados pelos estudos de Bassin (2000); Withers (2001), Ryan (2004) e Linvingstone (1995). Contudo, para além da questão territorial, da construção de identidades, e da formação de um imaginário de nação seja no país quanto no exterior, os inventários naturais também prestaram importante papel no levantamento dos recursos naturais a serem explorados num futuro próximo, e foram significativamente apropriados pelas parcelas detentoras dos meios de produção das metrópoles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O território brasileiro foi palco de diversas viagens de exploração de europeus desde a chegada dos portugueses no século XVI, sendo a região amazônica visitada frequentemente. Nos dois primeiros séculos da colonização exploradores principalmente da Espanha e de Portugal viajaram à região, entusiasmados para explorá-la na busca por riquezas minerais (Gomes, 2018). Francisco Orellana (1510-1546) foi um dos pioneiros em 1542 e Cristóbal Acunã (1597-1676) em 1641, identificou uma série de produtos que ficariam conhecidos como as “drogas do sertão”. Nos dois séculos seguintes ao mesmo tempo que a extração de produtos como o cacau, o cravo e a salsaparrilha se expandiram atingindo tributários do rio Amazonas, expedições de europeus tornaram-se ainda mais frequentes. Seus relatos identificavam novos produtos, além de acumularem informações para proporcionar a continuidade e expansão da exploração econômica dos mesmos (Gomes, 2018).

Foi, sobretudo no século XIX, que a região Amazônica, assim como o restante do Brasil, recebeu o maior número de expedições estrangeiras. A partir de um levantamento realizado em diversas fontes foi possível contabilizar este aumento ao longo do século (Figura 1). No período selecionado as expedições à Amazônia, entre estrangeiras e nacionais, saltam de 17 na década de 1830 para 42 na década 1860.

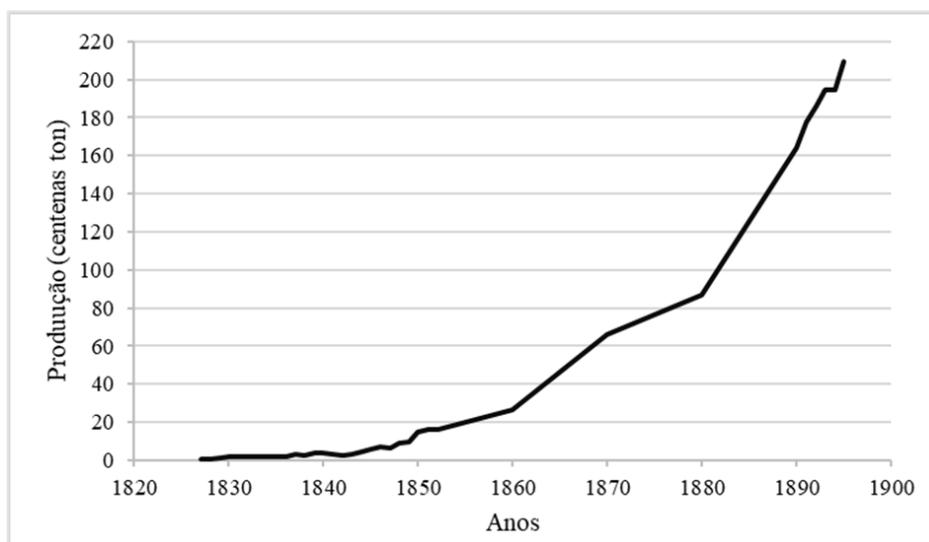
Figura 1 – Expedições à Amazônia (1830-1870)



Fontes: Meirelles Filho, 2009; Carneiro, 2009; Belluzzo, 1994; Brasil, 1996.

Da mesma forma que as expedições à Amazônia estavam crescendo ao longo do século, a produção de borracha também aumentava exponencialmente, sobretudo a partir da década de 1870, como demonstra a figura 2.

Figura 2 - Crescimento da produção de borracha (1820-1900)



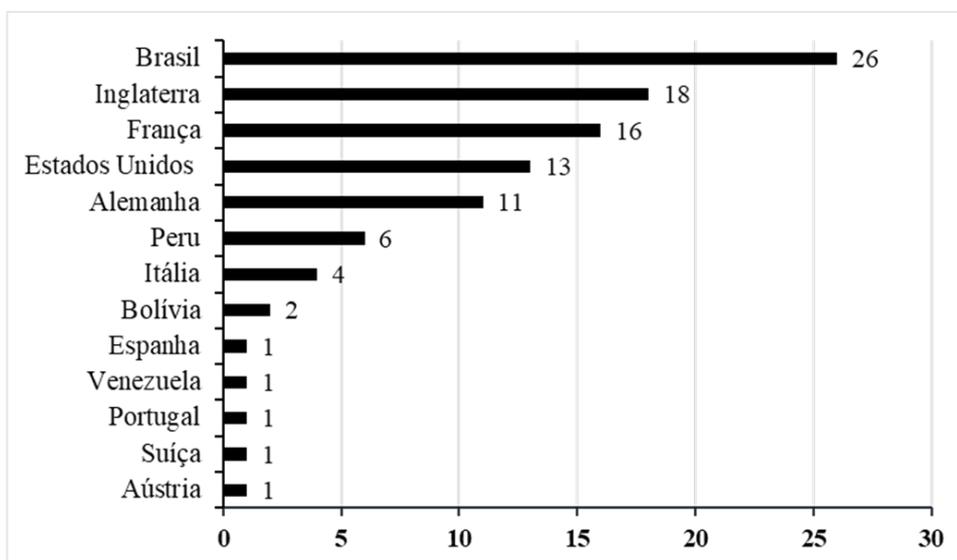
Fonte: Ferreira Reis (1953). Elaboração própria.



Apesar da produção da borracha ser notada desde antes dos anos de 1830, foi a partir da década de 1870 que verificamos um verdadeiro “boom” na produção gomífera, data em que geralmente é identificado como o início do primeiro ciclo da borracha na região (Weinstein, 1993). E antecedendo esta data, à medida que o interesse pela Amazônia e seus potenciais produtos chamavam cada vez mais à atenção, os estados nações e as sociedades científicas enviavam mais expedições à região, buscando alcançar os rincões mais desconhecidos aos olhos estrangeiros e objetivando, entre outras coisas, identificar e catalogar as espécies vegetais e seus usos mais variados que eram encontrados.

Quando analisamos as expedições quanto a sua localidade de origem (Figura 3) identificamos que a maior parte delas eram advindas do próprio Brasil, e de variadas origens, seja sociedades científicas, ordens religiosas, militares ou a mando do próprio Império. Muitas dessas expedições tinham como objetivo realizar a demarcação das fronteiras do Estado brasileiro com os países vizinhos, como às Guianas² e o Peru.

Figura 3: Número de expedições na Amazônia, por país de origem (1830-1870)



Fontes: Meirelles Filho, 2009; Carneiro, 2009; Belluzzo, 1994; Brasil, 1996.

² A demarcação da fronteira entre Brasil e Guiana francesa é um bom exemplo de como o conhecimento geográfico foi utilizado para disputas políticas, como revelou Ferretti (2013). No caso um mapa manuscrito produzido pelo explorador francês Henri Coudreau (1859-1899) para o geógrafo Élisée Reclus (1830-1905) teria sido decisivo na decisão final do tribunal suíço que julgou em prol do Brasil a disputa. Para tomar a decisão utilizaram uma obra de geografia com algumas centenas de páginas, confrontando um conjunto de provas elaboradas pelas missões científicas que passaram pelo território litigioso.

Quanto aos estrangeiros, as principais potências imperiais foram as que mais enviaram expedições à Amazônia. A Inglaterra, com 18 expedições contabilizadas, permaneceu até o ano de 1870 sendo considerada a única grande potência mundial, e somente nesta década a França consegue de fato ameaçá-la (Neré, 1991). Alguns dos nomes mais conhecidos que viajaram à região estavam: William John Burchell, Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates e Henry Alexander Wickham.

A França, com 16 expedições em nossa contagem, representava o segundo maior império colonial do mundo, e estava em vias de expansão, tendo a região das Guianas como um de seus principais pontos de interesse na América do Sul, e provavelmente incentivando expedições por toda a bacia Amazônica de forma geral. Estavam entre eles: Émile Carrey, Madame Langlet-Dufresnoy, François August Biard, Aléxis de Cadoine Gabriac e Paul Marcoy, entre outros.

Os Estados Unidos, com 14 expedições, viviam um momento de grande expansão econômica ao longo do século, que por conseguinte teve implicações em seus interesses científicos e imperialista, sobretudo em seu próprio continente, condições que iriam, mais tarde, alçá-los a potência mundial. Nomes como William Henry Edwards, William Herndon, o casal Louis e Elisabeth Agassiz e Charles Frederick Hartt, para citar alguns, passaram pela Amazônia no período.

A Alemanha, considerando aqueles territórios que deram origem a ela no final do século, também figura no topo da lista, com 11 expedições, enviando nomes como os de Robert e Moritz Schömburgk; Adalbert Wilhelm, príncipe da Prússia; Robert Christian Avé-Lallemant e a dupla Joseph e Franz Keller.

Após o levantamento das expedições que passaram pela região amazônica entre 1840 e 1870, em um segundo momento procuramos identificar aqueles exploradores que efetivamente passaram pelo território amazônico da borracha. Para tal, primeiramente delimitamos os territórios em que houve exploração da borracha, focando na expansão espacial verificada do início ao final do século XIX. Para posteriormente encontrar aquelas expedições que passaram por tais territórios no período que antecede à expansão.

A borracha pode ser retirada de uma quantidade considerável de plantas, as mais conhecidas são as do gênero *Heveas*, devido sua qualidade superior, e podem ser encontrada por toda a bacia amazônica, consistindo numa variedade que chega até 26 espécies diferentes. A que possuía maior qualidade dentre elas, porém, era a *Hevea brasiliensis*, que iria dominar o mercado mundial e consequentemente a corrida aos seus pés por toda a região. A *Hevea*

brasiliensis, contudo, “crescia somente na margem direita do Amazonas, num vasto semicírculo com centro a oeste de Manaus (Dean, 1989)”, portanto a extração da borracha concentrou-se na parte sul da região amazônica.

A exploração da borracha amazônica avançou no sentido leste-oeste, os primeiros seringais, explorados desde às décadas de 1840, concentravam-se na região das ilhas, na foz do rio Amazonas, além das áreas em torno de Belém: “[...] durante os primeiros anos, apenas uns poucos municípios paraenses (Breves, Anajás, Melgaço e Gurupá) haviam respondido pela maior parte da borracha produzida.” (Weinstein, 1993, p.71). Nas duas décadas seguintes a exploração da borracha atinge o baixo Xingu e o baixo Tapajós, duas bacias ricas em *heveas* mas que devido a suas corredeiras e quedas d’água, limitava o avanço ainda mais para o interior. Diferentemente “dos rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá. Embora muito distantes do mercado exportador de Belém, a densa concentração de seringueiras ao longo desses rios e a relativa facilidade com que todos eles, com exceção do Madeira podiam ser navegados [...]” (Weinstein, 1993, p.71). E foi justamente a partir de 1870, quando a produção da borracha explode, que as *heveas* dos rios Purus e Juruá começaram a ser explorados intensamente, estes dois rios iriam concentrar nos anos seguintes a maior quantidade de borracha produzida na região (Ferreira-Reis, 1953). A exploração da borracha, contudo, não era exclusividade da Amazônia brasileira, peruanos e bolivianos obtiveram sucesso na retirada do látex de suas próprias *heveas* posteriormente, mas, ao contrário do Brasil, a exploração nesses países seguiu o sentido contrário, partindo das cabeceiras dos rios Beni, Orton, Madre de Deus, Ucaiali e Marañon, e indo na direção leste, até encontrarem-se com os seringueiros brasileiros.

Diversos exploradores passaram pelo território amazônico da borracha, sobretudo, se considerarmos às margens do rio Solimões, que jamais deixou de ser explorada, porém queremos aqui destacar, aquelas expedições que recolheram e relataram informações consideráveis sobre a borracha, sua extração e comercialização. Alguns desses exploradores passaram por estes rios antes mesmo da exploração das *heveas* iniciar-se, mas já vislumbravam o potencial que a borracha poderia vir a desempenhar.

William Henry Edwards

O americano William Edwards nasceu no estado de Nova York, formado em Direito, vindo de uma família abastada, dona de um lucrativo curtume e de grandes pedaços de terra, após sua viagem ao Brasil muda-se para a Virgínia e constrói seu próprio patrimônio, constituído por várias minas de carvão, terras, além da construção de estradas de ferro (Freitas

e Nascimento, 2021). Em 1846 realiza uma viagem ao Brasil, na companhia de seu tio, resultando no livro *A voyage up the River Amazon with a residence in Pará* (1847) citada anos depois por Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace, percorreu os rios Amazonas, Guamá, Tapajós, Trombetas, Madeira, Negro, Branco e Xingu.

Através de uma descrição minuciosa, como era a características dos exploradores à época, aborda temáticas humanas, como os costumes dos povos e as características dos vilarejos, mas foram seus escritos sobre a paisagem natural amazônica que chamaram mais atenção, fortemente influenciados pelo método de classificação de Linneu. Seu relato contava com um caráter bem otimista dos potenciais econômicos da Amazônia, inspirando nos primeiros anos da década de 1850, um grupo de empresários americanos a pressionar o governo brasileiro para permitir o funcionamento de um barco a vapor no rio Amazonas (Weinstein, 1993). Eles acreditavam “que o transporte a vapor iria revelar um verdadeira descoberta do tesouro de riquezas tropicais que se exauriam intocadas por faltar de investimento adequado. O governo imperial, porém, [...] recusou-se a abrir a embarcações estrangeiras a navegação no grande rio.” (Weinstein, 1993, p.80).

Em seus relatos a borracha aparece diversas vezes, por exemplo quando este destaca a fertilidade do solo amazônico e os variados produtos que ali eram plantados e extraídos da floresta: “Da floresta são extraídas borracha e drogas, tudo gerando renda.” (Edwards, 2022, p. 178). Também ao comentar sobre produtos à base de borracha encontrados: “(...)levamos uma variedade de artigos de borracha. As malas foram úteis, e as capas leves se fizeram necessárias na ausência de algo melhor, mas, em geral, os artigos que levamos não serviram para nada, sobretudo as botas de borracha que pareciam ter saído da época da inquisição.” (Edwards, 2022, p.194).

Richard Spruce

O viajante inglês Richard Spruce foi um dos principais botânicos que passou pela Amazônia no século XIX. Empolgado pelos relatos de Bates e Wallace sobre a Amazônia, chega em Belém em 1849 e permanece por quinze anos explorando o continente sul-americano. Seu trajeto incluiu vários trechos da bacia amazônica, da brasileira à colombiana, o norte dos Andes Peruanos e o Equador. Iniciou suas explorações na região da foz do Amazonas, posteriormente foi para a foz do Tapajós, próximo a Santarém, onde encontrou Alfred Wallace, explorando em seguida os rios Trombetas, Negro, Uaupés, Casiquiare, Pacimoni e Huallaga (Brasil, 1996). A região do Rio Negro foi uma das mais exploradas por ele, coletando o maior



número de plantas e artefatos indígenas, sua estada no alto Rio Negro ocorreu entre os anos de 1852 e 1854, período em que ocorre a elevação da Capitania do Rio Negro à Província do Amazonas, retornou à Inglaterra em 1864. Quinze depois a sua morte, em 1908, é publicado seu relato de viagem por seu amigo Wallace, intitulado: *Notes of a Botanist on the Amazon and the Andes*. Os artefatos coletados por Spruce encontram-se no Jardim Botânico Real de Kew e no Museu Britânico em Londres (Martins et. al. 2021).

Sua viagem à Amazônia foi incentivada pelo Sir. William Hooker, que concordou em vender os espécimes coletados por Spruce para herbários da Grã-Bretanha e da Europa para financiar a sua viagem, incluindo o Kew Gardens de Londres. Os resultados de suas explorações na região foram de enorme importância econômica, lançando as bases botânicas para a compreensão do gênero *Hevea* (Seaward, 2010). Spruce relatou o uso da borracha na confecção de artefatos indígenas como baquetas para tocar tambores, enviada para o Jardim de Kew. Foi o primeiro a descrever de maneira acurada as técnicas de coleta da borracha (Dean, 1989).

Willian Lewis Herndon e Lardner Arthur Gibbon

Willian Lewis Herndon e Lardner Arthur Gibbon eram tenentes da marinha dos Estados Unidos da América, sua expedição à Amazônia ocorreu entre os anos de 1851 e 1852. Ela foi organizada pelo cunhado de Herndon, o oficial da marinha e chefe do serviço hidrológico americano Matthew Fontaine Maury, tendo Gibbon sido convocado para auxiliar Herndon (Santos et Al., 2022). Devido às crescentes tensões entre os estados do norte e do sul, os militares buscavam locais em que poderiam manter a escravidão intacta e vender os escravos sulistas, e visualizaram na região Amazônica enorme potencial para se transformar em uma zona escravista produtora de algodão. O congresso norte-americano aprovou a ideia com o objetivo de ampliar seus poucos conhecimentos sobre aquela região, bem como as possibilidades de exploração econômica. O trajeto de Herndon inicia-se no Peru e segue para as partes navegáveis dos rios amazônicos até chegar em sua foz, próximo a Belém (Oliveira, 2019).

Maury organiza a expedição sem a permissão do governo brasileiro, uma vez que não era permitida a entrada de embarcações estrangeiras na bacia amazônica, o que gerou inclusive uma crise diplomática entre os países. Posteriormente Maury trabalhou fortemente para a abertura dos rios da Amazônia à navegação estrangeira. As informações levantadas por Herndon e Gibbon forneceram aos Estados Unidos valiosas informações sobre a Amazônia

utilizadas ao longo do século XIX e justificaram as pressões diplomáticas para a abertura do Amazonas (Oliveira, 2019).

Seu relato de viagem *Exploration of the Valley of Amazon* foi publicado pela primeira vez em 1853 em Washington, e contava com dois volumes, o primeiro de Herndon, e o segundo de Gibbon. O relato de Herndon teve várias edições e circulou amplamente nos Estados Unidos. Nele Herndon relata o processo de defumação da borracha, a partir de fogueiras com sementes de urucuri e do inajá (Herndon, 2022). Um de seus interlocutores em Belém, era o cônsul dos Estados Unidos no império do Brasil, Henry Lee Norris Jr., um dos primeiros negociantes de borracha da região, responsável pela exploração, transformação e comercialização do látex (Santos et. al. 2022).

William Chandless

Outro inglês que demonstrou interesse pela borracha foi William Chandless. O cartógrafo foi enviado pela *Royal Geographical Society*, e percorreu os rios Purus, Juruá, Arinos, Juruena, Tapajós e Aquiris entre os anos de 1864 e 1865. Publicou seus relatos no *Journal of the Royal Geographical Society of London* a partir do ano de 1865. Suas explorações ocuparam-se daquelas bacias mais ocidentais da Amazônia, uma região muito desconhecida pelos estrangeiros, e que era extremamente rica em *héveas*. Suas publicações continham um mapa detalhado de cada um dos rios por qual ele passou, contribuindo enormemente para a cartografia amazônica. As publicações foram as seguintes: *An Exploration of the River Purús* (1865-1866); *Ascent of the River Purús* (1866), *An Exploration of the River Aquiry, an Affluent of the Purus* (1866), *Notes on the River Aquiry, the Principal Affluent of the River Purús* (1866) e *Notes of a Journey up the River Juruá* (1869).

Dentro os rios percorridos, o grande destaque era o Purus, um dos maiores afluentes do Amazonas, e ainda pouco explorado. Segundo Ishii (2019a, p.41): “a necessidade de desvendar uma comunicação entre esse rio, o Madre de Dios e o Ucayali, e conseqüentemente, uma ampliação das expectativas comerciais na região, a exploração científica da região, em seu amplo sentido, configura-se como seu principal objetivo [...]”.

Chandless retornou à Amazônia em 1868, dessa vez para explorar a região do rio Madeira, que já possuía uma indústria extrativista mais desenvolvida, e produz o relato intitulado: *A visit to the india-rubber groves of the Amazons* em 1870, como parte de uma coletânea de relatos de viagem organizada pelo naturalista inglês Henry Walter Bates (Ishii, 2019b). Neste texto, o cartógrafo inglês descreve atentamente os seringais da região, narrando

o processo de extração do látex e todo o “universo da empresa extrativista” (Ishii, 2019b, p.135).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XIX, a produção de borracha da Amazônia cresce de forma significativa, bem como o número de expedições enviadas para estudar a região. O avanço da produção de borracha ocorreu no sentido leste-oeste, avançando pelos principais rios da margem direita do Amazonas (Xingu, Tapajós, Madeira, Purus, Juruá). As nações estrangeiras que mais enviaram expedições à Amazônia foram Inglaterra e França, seguido de perto por Estados Unidos e Alemanha. Ao coletar informações sobre a natureza, os povos indígenas, os recursos minerais e vegetais, especialmente as plantações de seringueiras, as explorações foram capazes de mapear e levar ao conhecimento do público em geral um território ainda amplamente desconhecido e envolto em mitos e mistérios.

Nossos próximos passos consistem em aprofundarmos nas características dos exploradores, analisar suas origens, ocupações, filiações e financiadores. Mas, sobretudo, o que nos interessa é realizar a reconstituição da rede de circulação de informações dos relatos de viagem, e os atores nela envolvidos: exploradores, sociedades de geografia, Estado, burguesia e os trabalhadores.

Quando colocamos em paralelo a história das expedições com a geografia histórica brasileira, notamos que os anos seguintes as expedições foram marcados pela explosão do extrativismo de látex para a produção da borracha, imigrantes vindos principalmente do nordeste brasileiro rumaram para a região, modificando para sempre toda a região, integrando-a definitivamente à economia mundial. Nossa hipótese é que o conhecimento geográfico acumulado pelas explorações estrangeiras na região amazônica, contribuiu para a incorporação de novas áreas à economia nacional, expandindo as fronteiras do capital no Brasil, no contexto da formação territorial brasileira. Tal debate portanto não se encerra aqui.

REFERÊNCIAS

BASSIN, M. Studying ourselves : history and philosophy of geography. **Progress in Human Geography**, 24, (3), 2000.

BELLUZZO. A. M. M. O Brasil dos Viajantes. Salvador : **Odebrecht**, Volume I: "Imaginário do Novo Mundo", 1994.



BRASIL. A. B. Desbravadores do Rio Amazonas. Porto Alegre: **Posenato Arte e Cultura**, 1996.

BROC, N. Amérique. Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle. Ed. **CTHS**, vol.3 Amérique. Paris. 1999.

CARNEIRO, J. P. J. A. Exploradores franceses na Amazônia brasileira durante o século XIX: breve biobibliografia. In: **II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, São Paulo, 2009.

DEAN, W. A Luta Pela Borracha no Brasil. São Paulo: **Nobel**, 1989.

DIENER, P. Os viajantes naturalistas do século XIX e suas contribuições para o conhecimento científico das línguas e culturas dos povos nativos das Américas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 6/2, p. 329-331, 2014.

DRIVER, F. Research in historical geography and in the history and philosophy of geography in the UK, 2001 e 2011: an overview. **Journal of Historical Geography**, 42. 2013.

EDWARDS, W. H. A Voyage up the River Amazon with a Residence in Pará. **Cadernos de Tradução**, 42 (esp. 1), 176–196. 2022.

FERREIRA REIS, A. C. O Seringal e o Seringueiro. Rio de Janeiro: **Serviço de Informação Agrícola**, 1953.

FERRETTI, F. O fundo Reclus-Perron e a controvérsia franco-brasileira de 1900, **Terra Brasilis (Nova Série) [Online]**, 2, 2013.

FRANÇA, J. M. C., CRIBELLI, T. ; PARADA, M. . As descobertas do Brasil: O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: **Casa da Palavra**, v. 1. 240p, 2014.

FREITAS, L. F. DE, & NASCIMENTO, K. S. DO. A Voyage up the River Amazon with a Residence in Pará, capítulo XXI: uma tradução anotada. **Cadernos de Tradução**, 41(esp), 142–148. 2021.

HERNDON, W. L. Exploração do Vale do Amazonas (1853). **Cadernos de Tradução**, nº esp. 1, p. 212-268, set/dez, 2022.

HOBSBAWM, E. A era dos impérios. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 7ª ed. 2002

ISHII, R. A. William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias. Rio Branco: **Nepan**, 2019.

ISHII, R. A., & ALBUQUERQUE, G. R. William Chandless: literatura de viagem, memória e imagens amazônicas no século XIX. **Revista De Estudos De Literatura, Cultura E Alteridade - Igarapé**, 11, 2019b.

GOMES, C. V. Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências. Humanas.**, Belém, v. 13, n. 1, p. 129-146, jan.-abr. 2018.

KURY, L. B. Viajantes e naturalistas do século XIX. In: Paulo Roberto Pereira. (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: **Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira**, 2001.

KURY, L. B. Explorar o Brasil: o Império, as Ciências e a Nação. In: Lorelai Kury. (Org.). *Comissão Científica do Império*. Rio de Janeiro: **Andrea Jakobsson Estúdio Editorial**, 2009.

MARTINS, L. FONSECA-KRUEL, V. CABALZAR, A. AZEVEDO, D. L. MILLIKEN, W. NESBITT, M. SCHOLZ, A. A maloca entre artefatos e plantas : guia da coleção Rio Negro de Richard Spruce em Londres. 1. ed. São Paulo: **ISA – Instituto Socioambiental**, 2021.

MEIRELLES FILHO, J. *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira (1500-1930)*. São Paulo: **Metalivros**, 2009.

MORAES, A. C. R. “Geografia, História e História da Geografia”. In: **Terra Brasilis**, n.2 - Geografia e Pensamento Social Brasileiro. 2000.

NERÉ, J. *História Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora **Bertrand Brasil**, 1991.

LISBOA, K. M.. Humboldt e os viajantes no Brasil na primeira metade do século XIX. In: LEOPOLDO, Z.; MAGALLON, M. (Org.). *El mundo que encontro Humboldt*. 1ed. México d F: IPGH; **Fundo de Cultura Econômica**, 1999.

LIVINGSTONE, D. N. The Spaces of Knowledge: Contributions toward a Historical Geography of Science, **Society and Space**, 13, 1995.

OLIVEIRA, C. N. S.de. A kipá e o cocar: A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara. Tese. Manaus: **UFAM**, 2019.

ROBIC, M. C. Approches actuelles de l’histoire de la géographie en France. Au-delà du provincialisme, construire des géographies plurielles, **Inforgeo**, 18-19, Lisbonne. 2006.

ROMANI, C. Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as Guianas. In: Britto, Adilson J. I.; Romani, Carlo; Bastos, Carlos Augusto. (Org.). *Limites Fluentes: Fronteiras e identidades da América Latina*. Curitiba: **Editora CRV**, 2013.

RYAN, J. History and philosophy of geography : discipline and discourse, 2001-2002, **Progress in Human geography**, 2, 2004.

SANTOS, T. DE L. P., MEDEIROS, S. L. L. DE, & COSTA, W. C. Traduzindo e Anotando o cap. XIV de *Exploration of the Valley of The Amazon*, de William Lewis Herndon. **Cadernos de Tradução**, 42(esp. 1), 197–211, 2022.

SEAWARD, M. R. D.: Richard Spruce, botânico e desbravador da América do Sul. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, vol. VII(2): 377-88, jul.-out. 2000.



**XV
ENAN
PEGE**

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA



PRATT, M. L. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: **EDUSC**, 1999.

WEINSTEIN, B. A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850 – 1920). São Paulo: **HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo**, 1993.

WITHERS, C. J. Geography, Science and National Identity: Scotland since 1520, **Cambridge University Press**, 2001.

